

Temos obrado demais e pensado de menos!

João Cardoso de Castro¹

Em palestra proferida em 2017, Noam Chomsky fez um duro diagnóstico para as próximas gerações. Segundo o linguista americano, estamos diante de um momento sem precedentes na história da humanidade. Um momento único, diz Chomsky, "exclusivo" talvez seja a palavra adequada para traduzir o sentido do que foi dito. "Exclusivamente privilegiado ou exclusivamente azarado", complementa o palestrante americano. O ser humano está no mundo há pelo menos 200 mil anos e hoje, esta geração específica, terá de tomar uma decisão crucial: se a vida humana, organizada, continuará a existir neste planeta, ou não. Para Chomsky existem pelo menos duas ameaças decisivas e ambas herdeiras do modo de ser do humano. Uma delas, o aquecimento global, cujo debate sobre suas causas e efeitos ainda não encontra qualquer consenso entre especialistas. A outra, marcada precisamente pelo lançamento de bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, no dia 6 de agosto de 1945. Ali, naquela data específica, se tornou manifesta a mais nova "aquisição" do pensar técnico-científico: a possibilidade de destruição completa da vida humana na Terra, quicá do próprio planeta. Jamais me atrevera a corrigir Chomsky, mas talvez seja possível dizer que há uma terceira ameaça, esta também legatária do nosso modo de ser, mas atrelada a uma perda de valores absolutos e universais que, de alguma forma, vem à tona no período moderno. É bastante conhecida a ideia de que a irrefreável produção de bens materiais e simbólicos, amarrados a uma visão "liberal", é capaz de fazer "brotar" em nós uma ambição quase esseral por toda a parafernália produzida. Neste sentido, a existência humana não passaria, então, de um "meio" pelo qual o "sistema" se alimenta e reproduz sua lógica perversa. Como bem disse o filósofo Giorgio Agamben: "Deus não morreu. Ele tornou-se Dinheiro [...] O capitalismo é uma religião, [...] um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro".

Essa arquitetura maldita pode ser ainda complementada por um dado alarmante, ressaltado pelo famoso educador inglês Sir Ken Robinson. Segundo Robinson, neste exato instante, habitam no planeta quase 8 bilhões de pessoas. Se todos os indivíduos no planeta usufríssem do consumo médio de um cidadão etíope, o planeta Terra suportaria uma população de 15 bilhões de pessoas. Contudo, se o consumo fosse similar ao de um americano médio, precisaríamos de 4 planetas. Você leu certo! Um somente não bastaria, nem mesmo dois. Seriam necessários quatro planetas! Essas informações são controversas, sem dúvida. Embora na contra-mão da "religião capitalista", se assenta na mesma "representação" que pretendo criticar na linhas que se seguem. Afinal, como é possível analisar a relação entre o consumo e o impacto sobre o planeta? É evidente que a aproximação "regional" da ciência não nos dá a resposta na medida da complexidade que o mundo se apresenta. No entanto, para além disso, à qualquer pessoa sensata um alarme deve soar. As "pegadas" do homem sobre a Terra não devem ser subestimadas. Ainda assim, não são poucos os que, absortos na representação numérica do mundo, alardeiam sobre a necessidade de um crescimento econômico infinito. Em artigo recente sobre as economias mundiais, o jornal americano New York Times comemorava a volta do crescimento

¹ *João Cardoso de Castro* é filósofo, mestre em Educação em Ciências e Saúde, doutorando em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva e professor do UNIFESO

econômico mundial: "todas as grandes economias mundiais estão crescendo ao mesmo tempo", afirma a matéria.

Kenneth Boulding certa vez afirmou: "qualquer um que acredite num crescimento infinito num planeta fisicamente finito, ou é louco ou é economista". Por "representação" o leitor deve entender todo o processo de matematização da realidade que perscruta o discurso científico e que ganhou impulso com Galileu e Descartes na aurora da Modernidade. A ciência não pensa, dizia Heidegger. Pressurizada por sua profunda representação delirante de que a matemática é capaz de sondar o mais íntimo das coisas, e até mesmo corrigi-las, a ciência se encontra, por essência, profundamente isolada em seu mundo, como se a tal representação fosse o mundo, ele mesmo. É como se o sorriso aberto de uma mãe ao receber seu filho ou a tristeza manifesta nas lágrimas do marido que perdeu sua esposa, pudessem ser mensurados, medidos, calculados. Nietzsche, ao falar sobre a ciência, criticava seu caráter de isolamento, assim como um "excesso de honradez, se não de petulância", dizia o alemão. A ciência econômica não foge a regra, ou seja, é incapaz de pensar. Faz cálculos, com possibilidades sempre novas, mas cálculos. De mãos dadas, o lixo produzido pela dupla apocalíptica "produção/consumo" já nos chega à altura do nariz. Habitando um universo paralelo, como que de costas para uma realidade que nos engole, economistas e "derivados" se ocupam com a previsão da taxa de crescimento: 2,2% no Brasil, dizem eles! Irônico pensar que é o filósofo que carrega o fardo de estar sempre com a cabeça nas nuvens. De qualquer modo, minhas palavras não devem ser compreendidas em tom professoral. Foucault dizia que existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros. Prefiro que este texto seja compreendido apenas como um "dedo que aponta" para o fato de que ainda não aprendemos a pensar! Temos obrado demais e pensado de menos, dizia Heidegger, que condenava a pobreza de pensamento que aflige o homem moderno, capaz quase que exclusivamente de um pensar que "calcula"... 2,2% não é isso!?